



GLOBALIZAÇÃO: REJEIÇÃO OU MUDANÇA COM OBJETIVOS VERDADEIRAMENTE HUMANOS?

Telenia Hill

Escola de Comunicação da UFRJ

1. O fenômeno da globalização

Quando se faz referência ao fenômeno da globalização, registra-se a importância do emprego do termo *global* na atualidade, justificando-a a partir da prática de uma ideologia de marketing, altamente danosa para a América Latina, liderada principalmente pelos Estados Unidos.

Se se refletir sobre o emprego do termo *global*, vê-se que ele é postivo, do momento em que encobre sua procedência. É compreensível que essa ideologia de *marketing* se difunda principalmente a partir dos Estados Unidos, do momento em que ela concorre para lhes fortalecer a hegemonia. É de interesse daquele país que se diga, por exemplo, que a Coca-Cola, a Disneylândia ou os hotéis da cadeia Hilton sejam empresas globais antes de serem norte-americanas, o que, nesse contexto, faz certo sentido. O que não se compreende, entretanto, é que o resto do mundo aceite tal impostura.

A ilusória especificidade do produto atende à demanda de um *marketing* global, que se realiza por meio dos *shopping centers* existentes em grande quantidade no mundo capitalista moderno. Constata-se nos dias de hoje uma vitalidade do capitalismo que se dissemina e atinge todo o globo, verticalizando a influência sobre o cotidiano das sociedades ocidental e ocidentalizada, e interiorizando-se na política, na cultura e no bem-estar social. Essa influência faz-se sentir também na educação, nas artes, nos meios de divulgação, na saúde, na seguridade social, e até na polícia e nos serviços penitenciários.

Lamentavelmente, tem-se de reconhecer que o planeta passa por uma metamorfose que objetiva transformá-lo numa imensa zona de livre comércio. Isto é expresso

sintomaticamente, no cotidiano, por uma ideologia que busca fazer-nos ingressar numa sociedade global. Como aponta Alain Touraine, “uma coisa é afirmar o triunfo de uma sociedade de mercado; outra, totalmente diferente, é dizer que a sociedade deve ser regulada como um mercado, e, portanto, ser liberal, ou seja, capaz de reduzir, tanto quanto possível, as intervenções voluntaristas do Estado, dos monopólios, da Igreja” (TOURAINÉ, 1996, p. 6).

Segundo Zigmunt Bauman (1988, p. 10), os indivíduos contemporâneos querem a liberdade, a felicidade e os prazeres permitidos, na atualidade, pelo *cartão de crédito*. Para ele, “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” e a identidade está sempre um passo além daqueles que a perseguem.

Num passado não muito distante, em um ambiente de permanente mudança mas amparado, ainda, por certa estabilidade o *eu* de cada indivíduo podia delinear-se efetivamente, movido pela capacidade de julgar e intervir racionalmente, tendo como meta o atingimento dos projetos de vida. Ao contrário desse *status quo*, constata-se, hoje, a condição de um “*eu* flutuante e à deriva”, gerado por uma dinâmica social contemporânea, que não oferece a mesma estabilidade. Apreende-se uma atmosfera de insegurança, em que se desfazem os vínculos desse *eu* com o território ou a localidade a que pertence. Constata-se uma mobilidade nas finanças e no capital, que resulta em desemprego e enfraquecimento recorde das economias.

Com o fenômeno da globalização, a especialização flexível, ocasionando a reorganização produtiva e a decadência das redes de assistência pública, a comunidade vai-se eximindo da responsabilidade que tinha para com os seus integrantes.

Dependendo da situação do local, a atuação globalizadora da cultura pode tornar-se uma força sobre a qual a sociedade não tenha controle, constituindo-se num campo fértil para os mais poderosos. É o que acontece, de maneira geral, nos países do chamado Terceiro Mundo, em que o êxodo rural, as migrações, a explosão demográfica, a pobreza e a marginalidade fazem com que eles se apresentem quase que completamente frágeis e impotentes diante da força de agentes político-sociais do dito Primeiro Mundo.

A vinda do presidente Clinton ao Brasil, em outubro de 1997, elucida com propriedade a ambição de domínio dos EEUU. Para ele, “a globalização não reduziu os problemas sociais”. Com relação aos que têm e aos que não têm, isto se torna uma “praga antiga na América Latina, a qual precisa ser tratada com mais seriedade não só pelos governos, mas também pela iniciativa privada”.

Declarando em seus discursos, em São Paulo, que Brasil e Estados Unidos precisam “ter o globo em suas fronteiras”, e, em Brasília, que “Brasil e Estados Unidos têm uma responsabilidade muito especial, que é a de liderar as Américas no século XXI”, Clinton surpreende por querer ter a seu lado um país de Terceiro Mundo a despeito de e talvez por causa de sua extensão territorial, sua latência de progresso e da existência de uma Amazônia, já concebida como o “pulmão do mundo”.

Não faz sentido, para Clinton, que a América do Sul se fortaleça por meio do Mercossul se não tiver “como objetivo comum uma Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) em 2005”.

Com o principal objetivo de fazer frente à concorrência com a União Européia e vários países do bloco asiático, e controlar todo o comércio da América Latina e Caribe, o governo norte-americano idealizou a criação da ALCA, durante a Primeira Cúpula das Américas, em dezembro de 1994, da qual participaram trinta e três países do continente americano.

A proposta a ALCA de representar a integração econômico-comercial das Américas é totalmente ilusória, uma vez que essa instituição terá como meta principal privilegiar os Estados Unidos, em prejuízo das economias da América Latina e Caribe, subdesenvolvidas e individuais, cuja soma dos Produtos Internos Brutos é quase dez vezes inferior ao daquele país. Integrar econômica e comercialmente as Américas seria impossível, do momento em que, como demonstram as evidências, em confronto com a dos Estados Unidos as dos outros países são completamente desiguais.

Com a implantação da ALCA, a economia seria totalmente dominada pelos interesses das grandes corporações norte-americanas e, provavelmente, o dólar se tornaria a moeda de conversão continental.

Segundo o jornalista José Carlos Braga, a globalização vive sob o seu espectro de nem colapso nem desenvolvimento. Absurdo se torna que a instabilidade contemporânea queira “combinar alta especulação financeira com crescimento mínimo, coisa capaz de evitar o colapso, garantir em geral – com o apoio dos tesouros nacionais e dos bancos centrais – os lucros de todo tipo e arrebentar com a maior parte das periferias sociais e geográficas (BRAGA, 01.09.96, p. 3).

Ainda segundo o autor citado, está-se diante de uma situação caótica que tem sua causa:

- na paulatina estagnação da economia desde os anos 70 em comparação com os anos anteriores;
 - no declínio gradativo da força econômica dos Estados Unidos, apesar de ainda hegemônico, dos pontos de vista monetário, industrial, comercial e fiscal;
- no fenômeno do desemprego estrutural da Europa;
- na tendência, nos anos 90, à desestruturação do capitalismo japonês, caracterizado, antes, pela organização;
- na mercantilização desordenada e bárbara da Rússia;
- no processo de desindustrialização da América Latina, que tem, incondicionalmente, como meta, a “estabilização a qualquer preço, baseada em âncoras artificiais, sobretudo a cambial”;
- na situação da África, que torna o continente indesejável aos investidores no que toca a qualquer missão civilizatória.

Ao acolher o globo em suas fronteiras, o Brasil terá nelas, prioritariamente os Estados Unidos, que, com isso, alargarão seus limites territoriais.

O Brasil e os demais países das Américas, de economias periféricas, de acordo com o quadro atual da divisão internacional do trabalho, da renda e da riqueza, já têm reduzidos seus graus de liberdade na reestruturação de suas economias. E o que ainda estará por vir?

Pelo que se relatou, e segundo a Giddens (2002, p. 13), “há razões fortes e objetivas para se acreditar que estamos atravessando um período importante na transição histórica”.



Como um fenômeno pluridimensional e inovador, a globalização põe em jogo um sem número de formas de risco que vão desde as envolvidas na economia eletrônica global até a vida quotidiana de cada um.

O mundo contemporâneo escapou aos moldes delineados pelos iluministas e por Marx, no sentido de que o homem, por meio de sua racionalidade, poderia mudar os rumos da história. A ciência e a tecnologia tornaram-se globalizadas e, muitas vezes, em sua escalada de progresso prestam desserviço à humanidade, caso da poluição ambiental, do efeito-estufa e do buraco de ozônio.

Conduzida pelo Ocidente, a globalização continua a carregar a marcante influência do poder americano, político e econômico, com extrema desigualdade em suas conseqüências. Mas, numa decorrência de fatos em escala global, ela afeta também os Estados Unidos.

Paradoxalmente, a globalização estimula a expansão da democracia e denuncia os limites das estruturas democráticas mais conhecidas.

Faz-se mister, pois, que o homem se conscientize do momento que vive, assumindo o controle de um mundo que, cada vez mais, perde sua legítima direção.

2. A globalização como fábula, como perversidade, e como possibilidade

A ênfase do livro *Por uma outra globalização*, de Milton Santos, se centra na “convicção do papel da ideologia na produção, disseminação e manutenção da globalização atual”. Acusa-se, pois, a necessidade de analisar seus princípios fundamentais, apontando suas linhas de fraqueza e de força” (2001, p. 14). Daí a importância de se refletir sobre as mudanças e criar condições para torná-las efetivas.

A “mudança histórica em perspectiva provirá de um movimento de baixo para cima, tendo como atores principais os países subdesenvolvidos e não países ricos; os deserdados e os pobres e não os opulentos e outras classes obesas; o indivíduo liberado, partícipe das novas massas e não o homem acorrentado; o pensamento livre e não o discurso único” (Idem).

O papel do intelectual no mundo de hoje terá grande importância para o acompanhamento da evolução das idéias, em cuja força se acredita, para o *bem* e para o *mal*.

Faz-se mister concentrar-se no estudo dos países mais desfavorecidos, desde a cultura até a política, incluindo a “periferia do sistema capitalista mundial”, para que se possa aquilatar a latência de uma reversibilidade do fenômeno da globalização, mudando, talvez, o rumo da história universal.

Ao afirmar-se que se vive numa torre de Babel não se está exagerando. Vive-se num mundo em que, de um lado a *precisão* e a *intencionalidade* denunciam o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, e, de outro, a *velocidade* e outras vertigens, geradas pela aceleração contemporânea. Essas, entretanto, são características de um mundo físico fabricado pelo homem. Ao contrário de um mundo veraz, o que se impõe a este mesmo homem é um mundo ilusório, por meio do qual busca-se difundir um discurso único. Alicerçado no imaginário, este discurso é fundamentado em seu poder e na informação que tem origem na economização e na monetarização das vidas pessoal e social.

Dessa forma, é importante que se acorde para a “existência de pelo menos três mundos num só: (...) tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; tal como ele é: a globalização como perversidade; o mundo como pode ser: uma outra globalização”

2.1. A globalização como fábula

Segundo Maria da Conceição Tavares (apud SANTOS, 2001, p. 18), “este mundo como fábula erige como verdade um certo número de fantasias, cuja repetição, entretanto, acaba por se tornar uma base aparentemente sólida de sua interpretação”.

E, para movimentar os elementos essenciais à continuidade do sistema composto de fantasias que se quer impor, cria-se uma máquina ideológica montada com “peças” que interagem para o atingimento do objetivo.

Com respeito, por exemplo, à idéia de aldeia global de Mc Luhan, questiona-se se realmente a difusão instantânea das notícias abrange a totalidade dos indivíduos. Claro que

se trata de um mito, e, certamente, habitarão a aldeia global aqueles que, efetivamente, estiverem aptos economicamente. O encurtamento das distâncias, que gera o conceito de espaço e tempo contraídos, só será possível para os incluídos que têm condições de viajar. Também o conceito de homogeneização do planeta, que se realiza por meio de um mercado global, é altamente falho, do momento em que, em muitos casos, contribui para aprofundar e conscientizar as diversidades locais.

Contra a busca de uniformidade a serviço dos atores hegemônicos, coloca-se um mundo menos unido, ficando cada vez mais fora de alcance a realização autêntica de uma cidadania universal, estimulando-se, em contrapartida, o culto ao consumo.

Ao invés da morte do Estado, assiste-se a uma necessidade premente de seu fortalecimento, para fazer frente às exigências das finanças e de outros grandes interesses internacionais, deixando de lado a responsabilidade com as populações que, cada vez mais, têm condições piores de vida.

Está-se, portanto, diante de uma constatação que, ao invés de mostrar a globalização como um *bem*, estaremos, em realidade, diante de uma ideologização maciça, “segundo a qual a realização do mundo atual exige como condição essencial o exercício de fabulações” (SANTOS, 2001, p. 19)

2.2. A globalização como perversidade

Para a maior parte da humanidade, a globalização se impõe como uma fábrica de perversidades: o desemprego e a pobreza aumentam. “O salário médio tende a baixar” e, de maneira geral, os salários cada vez mais se desvalorizam. As classes médias decaem em qualidade de vida. A fome e o desabrigo constituem-se em males do mundo. A AIDS se instala e mazelas antigas, como a tuberculose, retornam imprevisivelmente. Apesar de todo o progresso nas pesquisas científicas e na informática, aumenta o índice de mortalidade infantil e a qualidade do ensino decai. A busca por condições materiais de vida se torna mais obsessiva, e a relação com o outro se revela cada vez mais falsa e decepcionante. Está-se no tempo do “salve-se quem puder” que resulta de uma ambiência de competição sem escrúpulos que, em geral, confere vitória aos poderosos econômica ou politicamente.

2.3. A globalização como possibilidade

Milton Santos projeta a construção de um outro mundo que dê possibilidade de surgimento de uma globalização mais humana.

Recorrendo, entre outras coisas, à unicidade da técnica, à convergência dos momentos e ao conhecimento do planeta, bases materiais do período atual, desde que sirvam a outros fundamentos sociais e políticos, conseqüentemente, haverá uma mudança de objetivos. Segundo o autor, o fim do século XX estaria suscetível a essa transformação. Ele crê na emergência de uma nova história. E o que o leva a isso é:

- o hibridismo de povos, raças, culturas e gostos em todos os continentes;
- em vista dos progressos da informática, a “mistura de filosofias”, em prejuízo do racionalismo europeu;
- a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que facilita um interrelacionamento mais estreito entre pessoas e filosofias. Aí evidencia-se a existência de uma verdadeira sociodiversidade;
- a emergência de uma cultura popular que se apossou dos meios técnicos, privilégio outrora da cultura de massas, e que hoje com ela compete

Com respeito às bases da reconstrução e da sobrevivência das relações locais, aponta-se o fato de a população aglomerar-se em poucos pontos da superfície da Terra, porque abre a possibilidade do uso das técnicas atuais, que deverá estar a serviço dos homens. E aí se instala o discurso da escassez. A falta estimula a criatividade, tornando o homem mais solidário em suas realizações.

E vislumbra-se a possibilidade de produção de um novo discurso, registrando-se a chamada universalidade empírica. Como o nome já expressa, a universalidade empírica deverá resultar da experiência ordinária de cada homem, respeitando-se, entretanto, o tempo de cada um e de cada povo, ao invés de impor-se, globalmente, um mesmo grau de velocidade. Opondo-se à abstração, partir-se-á de uma história concreta. É justamente isso que irá permitir “conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história”.

2. À guisa de reflexão

A globalização atual e as formas brutais que adotou para impor mudanças levam à urgente necessidade de se rever o que fazer com as coisas, as idéias e também com as palavras. Qualquer que seja o debate, hoje, reclama a explicação clara e coerente de seus termos, sem o que se pode facilmente cair no vazio ou na ambigüidade.

A história de cada nação é amesquinhada em nome do alcance de metas quantitativamente indiciais de *progresso*, hegemônicas, que decorrem da abertura e da obediência dos países subjugados, tendo, como conseqüências, mais fragmentação e mais desigualdade. Neste *status quo* é notório que o discurso da globalização, em suas múltiplas faces, sirva de alicerce ao poder dos Estados, das empresas e das instituições internacionais. Sem esperança de um futuro promissor, dissemina-se um sentimento de indiferença que contamina jovens e até mesmo intelectuais.

Segundo a óptica do pensamento único, apresentam-se apenas algumas possibilidades de realização, omitindo-se outras que se poderão manifestar, quer sejam já existentes ou perfeitamente passíveis de existir.

A crer-se na viabilidade do surgimento de uma outra globalização, ao invés de um, se depararão muitos futuros, que resultarão de arranjos diferentes, segundo nosso grau de consciência entre “o reino das possibilidades e o reino da vontade”. E acreditando na perspectiva de um futuro diferente, assinalam-se desde já algumas manifestações que complementam o que já se disse sobre os condicionadores do surgimento de uma nova história: “a tendência à mistura generalizada entre os povos; a vocação para uma urbanização concentrada; o peso da ecologia nas construções históricas atuais; o empobrecimento relativo e absoluto das populações e a perda da qualidade de vida das classes médias; o grau de relativa “docilidade” das técnicas contemporâneas; a politização generalizada, permitida pelo excesso de normas; e a realização possível do homem com a grande mutação que desponta” (SANTOS, 2001, p. 161).

Neste início de século, a palavra *velocidade* cada vez mais faz sentido. Tomando as técnicas como normas que seguem uma diretriz política de poder, instala-se um círculo vicioso. Nas diversas camadas da vida social, a rapidez dos processos conduz à maior



rapidez nas mudanças, que, por sua vez, acelera novos processos e gera a necessidade de novos seres organizadores.

Constata-se, assim, o império das normas, constituídas por agentes centralizadores, planetário, ubíquos. Registrando-se algumas vezes o conflito entre elas, produz-se, para os indivíduos, uma atmosfera de insegurança e até mesmo de medo. E eles se tornam cada vez menos cidadãos e mais anti-homens, porque ser cidadão é colaborar para a constituição de “individualidades fortes” com as correspondentes “garantias jurídicas”. Em realidade, o indivíduo deverá pertencer a um local definido, podendo exercer plenamente sua existência.



BIBLIOGRAFIA

1. BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
 2. Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987
 3. BRAGA, José Carlos de Souza. O espectro que sonda o capitalismo. In: *Folha de São Paulo, Caderno Mais*, 01.09.96
 4. FEATHERSTONE, Mike et alii. *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Trad. de Attilio Brunetta. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994
 5. GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolado – o que a globalização está fazendo de nós*. Trad. de Maria Luíza X. de A. Borges: 2ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002
 6. HARVEY, P. *The conditions of Postmodernity: na inquiry into the origins of cultural change*. Oxford: Basil Blackwell, 1989
 7. KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1997
 8. MORIN, E. LEFORT, C. e CASTORIADIS, C. *Mai 68: La Brèche suivi de Vingt ans après*. Bruxelles: Complexe, 1988
 9. SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001
 10. SOROS, George. Por uma sociedade global aberta. In: Rev. *Veja*, São Paulo: Abril, 24.12.97. Ano 30, nº 51
 11. THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna*. Trad. Instituto de Psicologia CUPRS. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995
- TOURAINE, Alain. O canto de sereia da globalização. In: *Folha de São Paulo, Caderno Mais*, 14.07.96